

Resenhas



Ateliê clínico

Autora: Marion Minerbo
Editora: Blucher, 2024,
vol. 1, 128 p. | vol. 2, 112 p. | vol. 3, 133 p.

Resenhado por: Tiago Mussi,¹ Rio de Janeiro

As “historinhas” ou as epopeias do divã

Na recém-lançada trilogia *Ateliê clínico*, Marion Minerbo compartilha com seus colegas e leitores uma inquietação que a interroga há algum tempo e que ela denomina *dissociação teórico-clínica*. A partir da constatação de que a teoria permanece muitas vezes alienada da própria clínica, não sendo assimilada pelo fazer psicanalítico, a autora mostra as consequências de não escutar algo para além do seu conteúdo manifesto, do que está sendo dito em sessão. Por que a dissociação teórico-clínica se torna uma questão que contribui para o insucesso de muitas análises? Porque, neste caso, dois conceitos fundamentais da psicanálise são deixados de lado: o inconsciente e a transferência.

A proposta de atividade à qual Minerbo deu o nome de ateliê clínico se constitui a partir da crítica de duas vertentes: a dissociação teórico-clínica

1 Mestre em psicologia pela Universidade de Paris 13. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Autor de *O ano em que me tornei psicanalista* (Blucher, 2023).

e a aplicação nua e crua da teoria à clínica. A autora nos revela – ao enfrentar essas ameaças com o trabalho analítico, criando-achando a teoria para cada paciente – de que maneira a teoria pode ser assimilada pela clínica de “forma natural, orgânica e criativa”, e não artificialmente. A formação de uma escuta analítica, cuja experiência ao mesmo tempo intelectual e emocional é redescoberta na clínica de cada dia, tem mesmo algo de artesanal como um ateliê. Conforme a própria autora define, “é mais do que um seminário clínico e menos do que um grupo de estudos”, talvez justamente algo entre uma coisa e outra, um espaço potencial de criação e encontro.

Essa atividade remonta ao ano de 2007, sob a forma de um seminário semestral oferecido pelo Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), mas ganhou envergadura com a pandemia, quando a autora passou a se servir do formato online para realizar ateliês Brasil afora. A proposta tem algo de impermanente pela sua própria natureza, em sintonia com o espírito do nosso tempo, pois os ateliês se desenrolam num curto período: quatro encontros de uma hora e meia cada, sempre em torno do mesmo caso clínico, 10 colegas e a autora redescobrem a clínica e a teoria, o que refina a escuta analítica e conduz à elaboração de um pensamento clínico. É uma experiência transformadora tanto do ponto de vista emocional quanto intelectual e que pode ser integrada facilmente à formação do(a) psicanalista pelos institutos e pelas sociedades de psicanálise.

(Nas primeiras associações que me vieram ao espírito, a partir da leitura dos três volumes da série, a estrutura do *Ateliê clínico* me fez lembrar a do *Decamerão*, obra-prima do poeta Boccaccio, leitor de Dante Alighieri, formada por um conjunto de narrativas, por sua vez divididas em jornadas, nas quais os narradores se revezavam em torno de um tema, que cada um sucessivamente devia expor; no lugar dos 10 rapazes e moças de Florença, reunidos num palácio nos arredores da cidade para se protegerem da peste negra, temos Marion e jovens analistas nas telas dos celulares e notebooks abrigando-se da pandemia de covid-19.)

Todavia, a primeira jornada que acompanhamos, ou melhor, o primeiro ateliê clínico a que somos apresentados no volume 1 da série não tira seu nome do conjunto de novelas escritas pelo poeta italiano, mas de outro autor, o russo Fiódor Dostoiévski (por razões de limitação de espaço vou me deter a comentar apenas os ateliês que dão título a cada volume). “Crime e castigo” narra a história aparentemente comum de um caso de conflito conjugal que nos leva a descobrir uma paciente assombrada pela ideia de haver cometido algum crime e a necessidade correlata de expiação da culpa. Sem dar spoiler, uma imagem trazida pela analista, ainda no primeiro encontro, acompanhou o grupo ao longo dos quatro encontros e foi fundamental no processo. Sem

decidir se ela veio da mente da analista ou da paciente, descobrimos com a autora que ela foi produzida pelo campo transferencial ou, segundo Ogden, pelo terceiro analítico, a estrutura constituída pelos psiquismos de ambos em fina interação.

Por que começar o ateliê justamente por esse caso? Isso se deve em razão do pressuposto teórico que alicerça a compreensão da autora, sendo a base de um tratamento analítico a retomada do processo de subjetivação. Como veremos ao longo desse ateliê, e também nos ateliês dos outros volumes, o fio de Ariadne, que guia a autora, parte da fórmula freudiana relida por Roussillon: “Onde era id e supereu, há de ser eu-sujeito”. Como se sabe, quando o analista trabalha com organizações não neuróticas (sofrimento narcísico-identitário) ou neuróticas, ele precisará criar condições diferentes no campo transferencial-contransferencial que facilitem o processo de simbolização primária, no primeiro caso, e o processo de simbolização secundária, no segundo caso. Um aspecto muito interessante dos ateliês clínicos tem a ver não apenas com o conteúdo apresentado nos ateliês, mas especialmente com sua estrutura formal. Minerbo nos convida, de mãos dadas com ela, a descobrir a clínica e a teoria simultaneamente, à maneira de um Virgílio que conduz Dante pelos círculos do inferno pulsional, onde, diante de nossos olhos assustados – mas sedentos –, criamos-achamos sentido quando antes havia tão somente sofrimento.

O ateliê que dá nome ao segundo volume da série, “Odeio meus pais!”, desenvolve alguns aspectos da clínica do supereu cruel, tema familiar à autora e objeto de artigos e capítulo de livros publicados por ela sobre esse assunto (Minerbo, 2019). O medo de se tornar objeto de ódio do paciente – um elemento constante na contratransferência do atendimento de pacientes paranoicos – é aqui finamente ilustrado. Logo de saída, Minerbo nos chama a atenção para uma grande dificuldade que se impõe nessa clínica: a de nos descolarmos do conteúdo manifesto ou, como ela chama, das “historinhas” que se referem aparentemente a assuntos banais e sem importância, mas cuja escuta atenta desvela a riqueza do material clínico à espera de interpretação, o que permitirá ao paciente continuar com o processo de simbolização interrompido pelo traumático.

A paciente cuja história acompanhamos nesse ateliê nutre vivos sentimentos de ódio e ressentimento em relação às figuras parentais. A autora nos chama a atenção para o risco das interpretações superegoicas – que somos levados a fazer frequentemente nesses casos – retraumatizarem ainda mais esses pacientes. Ela também nos mostra que, para relançar o processo de simbolização, a via régia é o acesso do sofrimento da criança-no-adulto; conceito que toma de empréstimo ao Ferenczi de “Transferência e introjeção” (1909/2020). As historinhas que a paciente conta são aqui interpretadas como ataques filicidas. O aspecto paranoico do objeto primário projeta na criança

seus objetos internos maus, vendo a criança como ameaça narcísica, da qual deseja se livrar – são os microvotos de morte, outro nome para os ataques filicidas. Desde o primeiro encontro, obsevamos como a figura parental, que deseja a morte da paciente, atualiza-se através de algum objeto do presente, que será vivido como *entidade* (que corresponde à mãe arcaica), termo já usado em seu livro anterior, *Notas sobre a aptidão à felicidade* (Minerbo, 2023), nome que a autora atribui àquele objeto interno/externo que pode salvar, mas também aniquilar a criança. Como testemunharemos nesse ateliê, o trabalho interpretativo a serviço do processo de simbolização vai desconstruir a *entidade*, cuja subjetividade é obscura para a criança, permitindo supor que ela mesma tenha uma criança-no-adulto, ou seja, também é vulnerável. Acolher o sofrimento da paciente é dar lugar à construção do sentido, oferecendo condições para que a paciente possa instaurar o lugar do terceiro, lugar que faltou entre a criança e seu objeto primário. Esse lugar vai ser instalado no campo transferencial-contratransferencial à medida que o analista atua, ou seja, diz e faz algo, desde o lugar de um terceiro. Aprendemos com a autora que é a função simbolizante do analista que acalma o desespero da paciente ao reparar algo que o objeto primário não pôde fazer. O ganho que o paciente obtém com isso é inestimável. Como disse Freud em “A psicoterapia da histeria”, “muito se ganha se conseguimos transformar sua miséria histórica em infelicidade comum” (1983-1895/2017, p. 427).

No terceiro (e último?) volume da série, no ateliê que lhe serve de título, “Riscar um fósforo”, Minerbo nos conduz pelos desvãos da transferência erótica do paciente com seu analista, alguém cuja vida amorosa sofre os efeitos do recalque excessivo da sexualidade infantil. Vemos, particularmente, neste ateliê – mas também nos outros ateliês da série – como somos confrontados com um desafio diferente. Qual analista não tem medo da transferência erótica? Mesmo com vasta experiência, corremos o risco de ficar surdos a ela, como o heroico Ulisses, que tapava os ouvidos com cera para escapar do canto sedutor das sereias. Ainda quando a transferência erótica é manifesta, seu manejo demanda sempre uma grande habilidade do(a) analista.

Os sucessivos relatos que somos levados a percorrer ao lado da autora nos mostra o engenho que é preciso fazer para reconhecer não apenas “quem” é o paciente com quem estamos lidando, mas também de onde ele fala (seu mundo interno) e a quem ele se dirige (o analista como representante de um objeto interno), a fim de conduzirmos aquela análise de maneira mais eficaz e mais criativa possível. Ao lado da autora, veremos como o analista é um objeto criado-achado: criado desde a realidade interna do paciente, mas simultaneamente encontrado na realidade externa. Por essa razão, Minerbo prefere, nos ateliês, as apresentações do material clínico de maneira mais espontânea

possível, ao sabor das associações do colega que está trazendo o caso. A proposta aqui é a coconstrução do caso ao longo dos quatro encontros, integrando clínica e teoria, a cada novo ateliê.

Como sabemos, os casos são ficções elaboradas pelos(as) analistas com o intuito de dar algum sentido ao material clínico que advém do campo transferencial-contransferencial, a partir daquilo que o analista pôde escutar do sofrimento da criança-no-adulto e transformar, no *après-coup* da sessão, numa narrativa escrita.

Uma crítica frequente que tem sido feita à psicanálise, Minerbo nos relembra, diz respeito à negação da vida real dos pacientes em favor do mundo interno. No entanto, valorizar a realidade em detrimento do mundo interno tem sido algo bem mais comum do que se imagina. Aprendemos com Winnicott que um objeto não está ou na realidade interna ou na realidade externa, mas justamente nesse espaço potencial entre dentro e fora, sendo ao mesmo tempo criado e achado. O paradoxo não dever ser jamais superado; ao contrário, devemos trabalhar a partir dele. O que isso significa então? Na prática, suportar o paradoxo implica não tentarmos descobrir se as pessoas ou os enredos das “historinhas” que os pacientes nos contam correspondem ou não à “realidade”. Eles são como os grandes personagens de um romance ou de um drama de Shakespeare; parecem reais, mas não o são, ou melhor, são reais precisamente no espaço potencial entre a ficção e a realidade.

Como um escritor de gênio literário (Bloom, 2003), Minerbo tem o raro talento de saber ler nas entrelinhas das historinhas que os pacientes tecem e desfiam no divã dia após dia, acompanhando de perto a evolução dos personagens ao longo das tramas para fazer, deste rico tecido feito de sonho e poesia, a matéria viva da história da psicanálise.

Referências

- Bloom, H. (2003). *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura* (J. R. O'Shea, Trad.). Objetiva.
- Ferenczi, S. (2020). Transferência e introjeção. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 1, pp. 87-123). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2017). A psicoterapia da histeria. In S. Freud, *Obras completas* (L. Barreto, Trad., Vol. 2, pp. 359-427). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Minerbo, M. (2019). O supereu cruel. In M. Minerbo, *Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica* (pp. 117-160). Blucher.
- Minerbo, M. (2023). *Notas sobre a aptidão à felicidade*. Blucher.